

**Pragmática, sociedade (e a alma),
uma entrevista com Jacob Mey**
*Pragmatics, society (and the soul),
an interview with Jacob Mey*

Daniel do Nascimento e Silva
(UNIRIO)

RESUMO

Jacob Mey, o linguista que fundou (em 1977, com Hartmut Haberland) o Journal of Pragmatics e autor de inúmeros livros e artigos no campo da pragmática, visitou o Brasil em novembro/dezembro de 2012, por ocasião da homenagem ao trabalho do pragmaticista Kanavillil Rajagopalan, realizada na Unicamp, onde Rajagopalan desenvolveu trabalho exemplar. A visita de Mey ao Brasil foi uma convite à reflexão sobre o objeto da pragmática, suas vizinhanças, seus principais problemas e sua agenda. Esta entrevista, realizada no Rio de Janeiro, conta a trajetória de Jacob Mey e sua visada crítica sobre os principais temas e problemas da pragmática.

Palavras-chave: *pragmática, sociedade, linguística aplicada, significação.*

ABSTRACT

Jacob Mey, the linguist who in 1977, together with Harmut Haberland, founded the Journal of Pragmatics and the author of numerous books and articles in the field of pragmatics, visited Brazil in November-December 2012, to deliver the laudatio, when Kanavillil Rajagopalan was honored at the State University of Campinas for his outstanding work in Pragmatics. Mey's visit to Brazil was an opportunity for a collective discussion of the object of pragmatics, its borders with other disciplines, its main problems and its agenda. The present interview, held in Rio de Janeiro, describes Jacob Mey's trajectory and his critical view of the main themes and problems of pragmatics.

Key-words: pragmatics, society, applied linguistics, signification.

1. Introdução

No dia 30 de novembro de 2012, sentei-me no café da Livraria da Travessa no Rio de Janeiro com o professor Jacob Mey, o conhecido pragmaticista dinamarquês que fundou, juntamente com Hartmut Haberland, o *Journal of Pragmatics* e, conseqüentemente, a própria Pragmática como ramo da Linguística. Levei comigo um bloco de notas, dois ouvidos atentos e três gravadores portáteis. Eu não queria deixar escapar nenhuma palavra daqueles minutos agradáveis em que discutimos pragmática e os rumos da investigação que a pragmática norteou sobre a forma e o sentido nos estudos da linguagem, trajetórias que coincidem com a história desse ser humano admirável que é Jacob Mey. Quem hoje vê o sucesso que são os encontros bianuais da International Pragmatics Associations (IPrA) e os instigantes e numerosos artigos publicados nos periódicos internacionais da área¹, não imagina que, no início, Jacob Mey tinha medo de usar o próprio termo 'pragmática', já que essa era uma "palavra ruim" entre lingüistas nos anos 1960. A saída era empregar termos como 'prático' e 'aplicado'. Essa estratégia de sobrevivência acabaria por confirmar, mais de 40

1. Entre eles: *Journal of Pragmatics* (Elsevier), *Pragmatics* (IPrA), *Intercultural Pragmatics* (De Gruyter), *Pragmatics and Society* (John Benjamins), *Semantics and Pragmatics* (MIT), *Pragmatics and Cognition* (John Benjamins), *International Review of Pragmatics* (Brill) e o *Journal of Politeness Research* (De Gruyter).

anos depois, a própria vizinhança entre a Pragmática e a Linguística Aplicada, tal como esboçada por Signorini (2012).

A entrevista que se segue, não obstante, vai além da demarcação de fronteiras. O que veremos a seguir são posições bastante críticas sobre a trajetória de Jacob Mey como linguista, como seu trabalho com Louis Hjelmslev e seu primeiro contato com a teoria de Chomsky (1965), bem como sobre temas da agenda da pragmática, como o usuário da língua, a feição social da pragmática, as relações entre lógica e linguagem, entre outros. A conversa que tivemos no Rio de Janeiro culmina com uma formulação bastante instigante sobre o próprio lugar da crítica em pragmática e também sobre a premência de uma visada pragmática no trabalho do intelectual.

Antes de passar à entrevista em si, devo fazer uma explicação quanto ao título deste trabalho. Inspiro-me na resenha que Jacob Mey escreveu, juntamente com Mary Talbot, sobre um dos livros centrais da pragmática: *Relevance: Communication & Cognition*, de Dan Sperber & Deirdre Wilson (1986). A resenha, que é um exercício de crítica exemplar, intitulou-se *Cognition & the Soul* [Cognição & a alma], um título à primeira vista enigmático; ao percorrer o texto, não obstante, o leitor é convidado a entendê-lo sob vários ângulos (cf. Mey & Talbot 1988). Aqui a polissemia também é um convite para o leitor, mas faço questão de deixar uma dica: discutir as relações entre pragmática e sociedade é perscrutar, por um certo caminho, a própria alma humana.

2. A entrevista

Daniel Silva: Jacob, sei que você começou a estudar linguística nos anos 1950, um período em que as teorias sobre a linguagem e o próprio modo de fazer e encarar os estudos da linguagem eram bem diferentes dos dias de hoje, nesta segunda década do século XXI. Gostaria que você contasse um pouco da sua experiência com essas mudanças na linguística. Minha primeira pergunta, então, seria: quando você fez sua pós-graduação, como as pessoas estudavam linguística?

Jacob Mey: Eu não comecei estudando linguística. Após estudos de medicina e filosofia tomística, segui para o campo da filologia. Meu primeiro encontro foi com a filologia tradicional holandesa. Não era

lá algo muito interessante. Eu achava que os professores não sabiam muito. E eles não tinham nenhuma ideia sobre lingüística própria. Então eu decidi encontrar outras fontes e finalmente fui parar em Copenhagen, onde comecei meus estudos com Louis Hjelmslev. Aquele professor seguia um modo bem diferente de fazer lingüística, bastante rigoroso. Tratava-se, basicamente, de lingüística estrutural e glossemática. O encontro com Hjelmslev significava que eu teria de repensar o padrão lingüístico ao qual me habituara. Aquilo não era filologia.

Hjelmslev dizia que não é necessário saber muitas línguas para fazer lingüística; o que importa é o sistema. E você vê um sistema em qualquer língua. Claro que ajuda se você sabe várias línguas, porque verá estruturas diferentes. As estruturas com as quais Hjelmslev trabalhava eram bastante abstratas. Lembro da primeira aula que tive com ele. Hjelmslev começou a desenhar umas figuras engraçadas no quadro: quadros com divisões, e algumas das divisões tinham uma barra cruzando-as; outras divisões tinham ainda outras barras cruzando as barras anteriores. E eu não entendia o que aquilo significava. Então tive de voltar aos trabalhos escritos por Hjelmslev nos anos 1930, para então entender que se tratava de casos diferentes em línguas como lak e tabassaran, línguas do Cáucaso que tinham entre 53 e 61 casos. O trabalho era intenso e eu fiquei completamente desorientado. Mas, ao mesmo tempo, era fascinante, porque era algo que eu nunca tinha visto antes.

Daniel Silva: Você fala do modo como Hjelmslev praticava lingüística, num estilo bastante estrutural, conforme o espírito da época. O trabalho que você iniciaria nos anos 1970, especialmente com a publicação da introdução ao primeiro número do *Journal of Pragmatics* (Mey & Haberland 1977), seria bem diferente do estruturalismo em que você foi treinado. Você poderia descrever como surgiu essa mudança de rumo no seu trabalho?

Jacob Mey: De fato, houve um tempo em que perdi as esperanças na lingüística. Além da lingüística estrutural clássica, havia a teoria que Hjelmslev criou e defendeu, a glossemática. Era uma teoria que dependia inteiramente das relações dos elementos da cadeia, as quais geravam dependências, seleções e coexistências, todos termos específicos que ele criou para a teoria. Eu pensei que o melhor modo de fazer

isso seria redigir minha tese no campo da glossemática e selecionar uma língua, no caso, o finlandês. Então minha tese de doutorado versou sobre o número (singular-plural) em finlandês moderno. Eu trabalhei nessa tese por um ano na Finlândia e outro ano na Dinamarca. Escrevi a tese em dinamarquês e depois a traduzi para o francês, a língua que Hjelmslev preferia. Ele ficou bastante satisfeito com o trabalho e sugeriu que eu o publicasse em *Travaux du Cercle Linguistique de Copenhague*. Hoje, quando olho de volta para este trabalho, eu o acho pouco interessante. Além disso, creio que ele não diga muito sobre finlandês ou sobre a teoria glossemática. Era mais ou menos uma aplicação da teoria a uma língua particular. E eu me perguntava: eu fiz isso, mas agora, o que vai acontecer? Nesse período, eu deixei a Dinamarca e fui para a Noruega, onde obtive o meu primeiro emprego e encontrei a minha esposa, Inger.

Ao mesmo tempo em que Hjelmslev desenvolvia sua teoria na Europa, Chomsky também estava trabalhando em sua própria teoria nos Estados Unidos. E quando eu cheguei à Noruega, a teoria chomskyana estava começando a ser conhecida na Europa. Eu mesmo comprei o livro *Syntactic Structures*, de Chomsky (1965). Foi o primeiro livro que comprei depois do meu doutorado. Então, ao mesmo tempo em que conheci a teoria de Chomsky, também passei a me interessar por modelos formais da matemática relacionados à computação como maneira de descrição linguística. Computação era algo importante na época. E embora Chomsky não gostasse de ser chamado de linguista computacional, o seu modelo se inspirou na computação. Eu fui a uma conferência em Nova York em 1965, e apresentei um artigo inspirado em trabalhos de alguns filósofos e linguistas formais. Ao fim da apresentação, fui convidado a apresentar esse trabalho em Austin, Texas. Apresentei o trabalho e fui convidado a trabalhar lá. E foi assim que eu fui parar no Texas. Quando eu mudei para o Texas, Hjelmslev desapareceu do meu horizonte (ele morreu em 1965). As atenções dos linguistas voltaram-se todas para Chomsky.

Eu me esforcei muito para me tornar chomskyano, mas não funcionou. Era a segunda vez que eu me tornava um linguista estrutural, mas eu não queria fazer aquilo para o resto da minha vida. Então, depois desses cinco anos no Texas, eu passei a me interessar por algo mais aplicado. Queria olhar para a língua como ela era usada. Hjelmslev

sempre disse que não se interessava pelo uso da língua, apenas pelo sistema. Não haveria nada que se pudesse fazer com o uso, porque cada um usa a língua de seu modo próprio. Algo que Saussure havia dito em seu *Curso* (publicado em 1916). Para ele, era impossível descrever cientificamente a *parole*. Mas eu encontrei algumas pessoas na linguística aplicada, estudando aquisição de segunda língua e outros assuntos. Quando cheguei de volta à Dinamarca, havia um novo campo ali. O campo era inspirado por um modo de pensar a língua como um fenômeno social, também pelo que as pessoas falavam e pelo que faziam com suas falas.

Simultaneamente, John Searle havia escrito seu livro em 1969, o *Speech Acts*. Aquilo atraiu muito minha atenção. Pensei, é isto! Alguém que faz algo com a língua, e é isso o que eu quero fazer. Mas, no início, não chamei aquilo de Pragmática. Eu não ousaria fazer isso, porque para linguistas, ‘pragmática’ era uma palavra ruim. Então o primeiro artigo que escrevi sobre o tema foi em 1972. Fui a Bologna em 1972, para o 11º Congresso Internacional de Linguistas e apresentei um artigo intitulado “*Practical applications of linguistics*” [Aplicações práticas da Linguística]. Pensei em usar o termo ‘*pragmatic*’, mas eu não ousaria, então usei ‘*practical*’.

Daniel Silva: E como o artigo foi recebido?

Jacob Mey: Aquele artigo foi bem recebido. Na verdade, depois da apresentação, um rapaz, representante de uma grande editora, a Mouton, veio até mim e perguntou: “Você gostaria de escrever um livro sobre isso?”. E eu respondi: “Claro.” E fiz o livro. Mas a Mouton foi vendida para De Gruyter. E o livro não vingou. Finalmente, depois que a Mouton se tornou independente novamente, o livro foi publicado.

Daniel Silva: E qual foi o título do livro?

Jacob Mey: *Pragmalinguistics: theory and practice*. Mas para conseguir publicar esse livro, tive de pedir um auxílio para o Conselho Dinamarquês de Pesquisa. E eu ganhei o auxílio. Mas a condição era que eles ficariam com todo o lucro. E eu pensei: esse livro não vai vender nada. Mas acabou virando um *best-seller*, e eu nunca vi um centavo!

Então o livro se chamava ‘*Pragmalinguistics*’, ainda não era toda a Pragmática. Pensei então que algo mais precisava ser feito. Naquele

momento eu havia completado 50 anos. Estava numa espécie de crise de meia idade. Passei a me perguntar: o que vou fazer com minha vida? O que posso fazer? Quais são meus recursos? E os meus recursos eram: eu falo algumas línguas, eu estou interessado pela vida social da linguagem, conheço várias pessoas, então por que não dou início a um periódico? Foi assim que o *Journal of Pragmatics* foi criado. Era 1977, encontrei o Hartmut Haberland e outros, e eles me ajudaram a fundar a revista.

E o periódico decolou como um foguete. A partir de então eu me tornei um linguista pragmático.

Daniel Silva: Você fala que a partir de então se tornou alguém que atuava no campo da pragmática linguística. Eu perguntaria a você: o que é pragmática? É a pragmática um componente de análise, como a sintaxe e a semântica (e.g. nos termos de Morris, 1955), um módulo da mente/cérebro, nos termos de uma interpretação visão modular *à la* Jerry Fodor e Noam Chomsky (cf. Kasher, 1991), ou uma perspectiva, como postula Verschueren (1999)?

Jacob Mey: A definição clássica de pragmática remonta a Morris (1955), que afirmou que a pragmática é parte de uma tríade: sintaxe, semântica e pragmática. Mas eu acho que esse é um modo errado de definir pragmática. Isso significaria que a pragmática seria o componente de algo, mas não sabemos de que ela é componente. A pragmática certamente não é um componente de análise linguística. Eu penso que a pragmática é uma ciência independente. Ela tem a ver com um modo de olhar para a língua. Então eu me alinho à visão de que a pragmática é uma perspectiva na linguagem, não um componente da linguística. Isso também significa que não é fácil definir pragmática. Linguagem, afinal, pode ser explicada de vários modos. Mas eu diria que o principal princípio da pragmática é que o usuário da linguagem é o centro da atenção.

Daniel Silva: Você menciona o usuário. Quem é esse usuário? Como é o usuário da língua pensado pela teoria pragmática hoje em dia?

Jacob Mey: Eu diria que o melhor modo de definir o usuário seria pela resposta a perguntas do tipo “de onde vem este enunciado?” e “quais são as condições para a sua produção?”. Se você olha para isso, você

diria, por exemplo, “este é um enunciado produzido no contexto de uma palestra universitária” ou “este é um enunciado produzido no contexto de um discurso político”. E se você olha para quem está por trás disso, você terá várias respostas. Por exemplo, a palestra do professor universitário, na superfície, são as palavras do professor. Mas se você olha além, vem a pergunta: quais as condições para essas palavras serem ditas? Esse homem é um professor na universidade, ele é subserviente à autoridade corrente da sociedade. Ele tem um lugar na sociedade. Ele fala com a voz da sociedade. Basicamente, a pragmática olha sempre para a voz a partir do modo como ela é societalmente produzida, condicionada, moldada, estruturada.

Daniel Silva: A pragmática teve um papel contra-hegemônico importante quando foi criada, ao fim dos anos 1970 e início dos anos 1980, na medida em que ela despontava como uma crítica às descrições linguísticas sem contexto. No entanto, temos de reconhecer que hoje em dia a pragmática pode assumir posturas bem hegemônicas. Isso pode ser visto como uma tendência nas ciências humanas: críticas metodológicas fortes tendem a ser absorvidas por modelos e quadros hegemônicos. Como você vê essa tendência, da pragmática passando de um campo rebelde a hegemônico?

Jacob Mey: Eu diria que a pragmática, em sendo de partida crítica, encararia qualquer tipo de hegemonia como sendo, por princípio, contrário aos seus propósitos. Eu ficaria realmente admirado se houvesse uma pragmática hegemônica. Para todos os efeitos, não seria pragmática. A pragmática está sempre lá para criticar a hegemonia. Ao fazer isso, ela desconstrói as estruturas hegemônicas, ao invés de reafirmá-las. Eu acho que a pragmática, pelo menos no ocidente, nunca teve uma postura que você pudesse, remotamente, chamar de hegemônica. Ela sempre foi atacada como sendo “esquerdista”, “socialista”, “subversiva”.

Daniel Silva: E no caso da pragmática cognitiva ou anglo-americana? Você também as vê como críticas?

Jacob Mey: Bom, a pragmática anglo-americana tem dois lados: há o lado cognitivo, que nos EUA coincide com ciência da computação ou estudos orientados pela computação, e há o lado da Escola Londrina de Pragmática, representada por Deirdre Wilson, que toma uma das máximas de Grice (1975), a relevância, e torna aquilo uma teoria

pragmática profunda. Esta última não é correta, porque há mais no que Grice disse do que está na teoria da relevância. Deirdre Wilson e eu já entramos em disputas sobre isso [ver, por exemplo, Mey & Talbot, 1988]. Eu disse pessoalmente a ela que a teoria não é orientada socialmente. E ela respondeu: “sim, a teoria é orientada socialmente porque eu uso exemplos extraídos da sociedade”. E eu repliquei: “não é disso que estou falando. Você não vê que relevância é em si um construto circunscrito por condições da sociedade; o que é relevante para você pode não ser para outra pessoa”. Mas a teoria da relevância não vê isso. Diz-se: “relevância é o mesmo para todo mundo, isso foi o que Grice disse”. Eu diria que Grice foi um teórico abstrato, um filósofo, e a pragmática linguística segue um outro caminho.

Daniel Silva: Se encaramos então a pragmática como um campo crítico, como os praticantes da área poderiam abordar problemas de modo a expor esse lado crítico e ao mesmo tempo combater essa visão estreita que algumas pessoas têm do campo?

Jacob Mey: Eu penso que é melhor começar com um exemplo. Tomemos Paulo Freire. Acho que a abordagem dele é típica de como uma investigação pragmática deveria proceder. Ele começa com um problema: essas pessoas são iletradas e não sabem como agir e reagir em um mundo letrado. Então, diz ele, vamos dar a essas pessoas alguns modos de refletir sobre sua situação, fornecendo a elas palavras para serem reflexivas, oferecer a elas as próprias palavras e letras que formarão palavras e as tornarão letradas. E isso significa que, ao fazerem isso, elas se distanciam de sua própria origem e adquirem uma visão crítica de sua posição, o que é típico da pragmática. Ao fazer isso, você tanto critica a situação na sociedade, quanto empodera criticamente as pessoas de forma que elas façam algo sobre a situação.

E agora chegamos a outro problema, que é a educação em segunda língua para imigrantes. Por que isso se tornou tamanho problema em países que recebem imigrantes e devem fazer algo para torná-los letrados na língua de recepção? Por exemplo, a Suécia. Quando olhamos para o esforço que tem sido feito para ajudar essas pessoas, verificamos que a maior parte do trabalho é feita para fazer os imigrantes se conformarem àqueles padrões homogeneizadores e seguros da sociedade, evitando qualquer ruptura ou revolução, o oposto do que Freire fez. Ensina-se

a essas pessoas coisas que são úteis para torná-las submissas e sem valor [*meek and cheap*] na sociedade, em vez de lobos agressivos. O que elas de fato precisam é de meios para se tornarem agressivas e demandarem seus próprios direitos.

Daniel Silva: Agora voltando a Grice e à relevância. Você acha que o princípio da cooperação, nos termos em que Grice o formula, é universal? Você pensa que todas as culturas assumem esse princípio?

Jacob Mey: Alguma cooperação é sempre o caso. Sem cooperação, nem mesmo esta entrevista seria possível. No entanto, colocar a cooperação como universal é perigoso. Ela se torna assim uma condição abstrata. E, se a definimos como condição abstrata, então retornamos a alguma sociologia abstrata ou computação abstrata. A cooperação é algo concreto, que não podemos definir fora de situações e casos concretos. A depender das culturas que colaboram, a cooperação toma aspectos bastante diferentes.

Daniel Silva: Mary Talbot e você redigiram uma resenha bastante crítica de Sperber & Wilson (1986). Na primeira edição do livro, humanos são definidos como dispositivos cognitivos. A partir de sua resenha, eles incorporaram algumas noções de sociedade. Como você vê o desenvolvimento contemporâneo da Teoria da Relevância?

Jacob Mey: Eu devo reconhecer que não tenho seguido os rumos atuais da Teoria da Relevância. O que posso ver atualmente, mas apenas num olhar superficial, é que eles, a meu ver, não desenvolveram de fato uma teoria pragmática. A ‘Escola Londrina’ produz os mesmos tipos de artigos instigados pelo pensamento de Deirdre Wilson e Dan Sperber. Não faz muita diferença para mim se é um texto dos anos 1980, 1990 ou 2010. A Teoria da Relevância é uma teoria muito bem sucedida, pelo menos na Inglaterra. As pessoas trabalham com essa teoria por alguma razão. Deve haver algo por trás, mas não é uma teoria que eu gostaria de adotar.

Daniel Silva: Alguns antropólogos da linguagem dizem que há uma ideologia de linguagem, no sentido de Silverstein (1979), que remonta ao circuito da fala de Saussure (1916), em que a comunicação se assemelha a uma transferência de signos. Você pensa que os teóricos da relevância são influenciados por essa ideologia de que a linguagem é

transmissão de signos, que seriam embalados na produção e desembalados na recepção?

Jacob Mey: Não, eu penso que eles são muito mais sofisticados. Eles não se subscrevem a uma ideologia primitiva de linguagem. Eles basicamente sugerem que o paradigma de Grice é restrito, monolítico. Tomam um princípio de Grice e o transformam na base de todos os seus estudos. Mas ao fazer isso eles não podem evitar o lado social disso, a saber, o de que relevância é sempre relevância para alguém. Não há algo como relevância em abstrato. Eu não vejo esse *insight* necessário refletido no trabalho de Sperber & Wilson. Eles sempre criam exemplos, e estes sempre se parecem com os antigos exemplos confortáveis que os linguistas sempre gostaram de inventar.

Daniel Silva: Muitos filósofos e semanticistas formais dizem que a linguagem espelha o mundo lá fora. A assunção básica é a de que há um arranjo lógico nas coisas do mundo que é refletido no arranjo lógico das palavras combinadas numa sentença. Qual é o ponto de vista da pragmática no que diz respeito à relação entre lógica e linguagem?

Jacob Mey: Eu diria que lógica e linguagem são duas coisas diferentes. Além disso, lógica no sentido que você está falando é a lógica no sentido de Carnap, especialmente em seu principal trabalho, *The logical structure of the world* (1928). E aquela lógica é puramente uma lógica matemática e física. Eu não vejo utilidade nessa lógica para a linguagem, porque tem a ver com condições de verdade e, realisticamente, as pessoas não lidam com condições de verdade na sua vida cotidiana. A questão da verdade é geralmente irrelevante para o que as pessoas dizem. Elas falam coisas para obter um efeito. Isso não é lógico. Às vezes elas agem illogicamente para estar onde elas querem estar. Você não pode dizer que a lógica é, ou deveria ser, um parâmetro para a fala das pessoas. Acho isso completamente errado.

Daniel Silva: Essa questão da verdade remete à raiz do problema discutido por Austin (1962), em *How to do things with words*. Ele analisa ali uma classe de enunciados que não têm valor de verdade, mas sim um valor de felicidade, para parafrasear o termo ‘valor’ empregado em semântica. Nascia ali a teoria dos atos de fala. Em seu livro introdutório à pragmática, *Pragmatics: An introduction* (Mey 2001), você abandona a noção de ato de fala e adota, em seu lugar, o conceito de

‘ato pragmático’. Como você vê a diferença entre os dois conceitos e por que você prefere a noção de ato pragmático?

Jacob Mey: Deixe-me explicar como eu cheguei ao conceito de ato pragmático. Eu estava investigando a literatura sobre atos de fala indiretos e olhando para os diferentes modos como atos de fala de ordem, do tipo “Mostre-me sua carteira de motorista”, podem ser reformulados de um modo como “Você tem aí sua carteira de motorista?”. Essas coisas acontecem o tempo todo. Os atos de fala nunca ocorrem sozinhos; eles são formulados numa situação. E a situação torna cada ato de fala diferente. Em uma situação há inúmeros fatores que cooperam para o modo como o ato de fala se realizará. Pensando assim, concluí que não há atos de fala como tais, mas apenas atos de fala situados. Cada ato de fala tem uma condição externa que o torna este ato de fala particular. Não há algo como um ato de fala abstrato de pergunta, por exemplo. Há sempre algo do tipo: uma cena social em que alguém pergunta algo a alguém sobre alguma coisa. Esse problema me levou a crer que a noção de ato de fala é uma noção falha ou incompleta: um ato de fala nunca é um ato de fala como tal. Decidi então repensar atos de fala como atos pragmáticos, um conceito que incorpora todos os fatores da situação, a maneira como o ato se inscreve na situação, quem são os atores envolvidos, etc.

Daniel Silva: A noção de intenção desempenha algum papel na ideia de ato pragmático? Se pensamos por exemplo na definição de Searle (1969) sobre o que seja um ato de fala, há certo privilégio da noção de intenção. É ela quem governaria o ato de fala, como Derrida (1977) apontou em sua crítica ao conceito. Austin também falou sobre intenções, embora eu não ache que, como seu aluno Searle, ele tenha atribuído à intenção o mesmo papel decisivo e superior. Como então o conceito intenção funciona no ato pragmático?

Jacob Mey: Eu não pensei especificamente sobre intenção quando formulei a noção de ato pragmático, mas posso dizer que, para mim, intenção não é um conceito como ‘intenção do falante’, mas sim um conceito dialético. Minha intenção é válida na medida em que sou capaz de persuadir os outros a aceitarem minha intenção como uma intenção válida. E no momento mesmo do reconhecimento, os outros podem fazer ou dizer algo que esclarecerá para mim aspectos da minha

própria intenção. Então a intenção emerge como um resultado da interação. Não precisa ser a intenção original que tive. Em outras palavras, uma pessoa lê meu texto e me dá um *feedback*. Essa pessoa pode me ajudar a entender o que eu quis dizer com aquele texto. E esse mesmo princípio se aplica aos atos pragmáticos. Um ato pragmático nunca é definido por si mesmo, mas sim em relação aos papéis interacionais da cena comunicativa.

Daniel Silva: Vou me permitir parafrasear sua resposta para continuar a discussão: então intenções nunca seriam pré-definidas ou plenamente circunscritas antes da enunciação de um ato pragmático? Seriam então dialéticas na medida em que podem se modificar na interação?

Jacob Mey: Intenção nunca pode ser descrita como um objeto. Intenção é uma ação. É uma noção dinâmica. Para usar um paralelo teológico: é como a graça de Deus no pensamento do teólogo jesuíta Molina (1588): a graça é “congruente” com as capacidades dos seres humanos nos quais se infunde; é medida de acordo com essas ‘*affordances*’ [possibilidades], como diria Gibson, do/a recebedor/a. Como tal, a graça, assim como a intenção, nunca pode ser descrita como uma coisa estática. Do mesmo modo, um autor contemporâneo do campo oposto, o físico-matemático Roger Penrose (1989: 434), propôs o ‘princípio antrópico’, segundo o qual nossas observações do universo têm de ser compatíveis (‘congruentes’, para utilizar a terminologia de Molina) com a vida consciente e intelectual dos/das observadores/as. E se você aplica esses conceitos à conversação, vê que as pessoas mudam de intenção o tempo todo. As intenções devem sempre ser congruentes com as capacidades dos interlocutores: e eles mudam o assunto da conversação, seus objetivos, até mesmo suas intenções, de acordo (ou de modo ‘congruente’, como diria Molina) com o que conseguem obter dos outros interactantes. Nunca é algo do tipo “eu quero fazer isso e aquilo com minha fala”. Filósofos pensam em intenções como facas que podem, por exemplo, cortar a manteiga [havíamos comido antes da entrevista; sobre a mesa do café estavam manteiga e faca – D.S.]. Intenções seguem caminhos sinuosos, que podem encontrar, na instância da interação, resistência, auxílio, adesão etc. O caminho nunca é retilíneo.

Daniel Silva: O colega Istvan Kecskes (2012) afirma que a emergência de alguns significados pode ser explicada recorrendo-se a certa

noção de inconsciente. Por exemplo, na última campanha presidencial norte-americana, em 2012, num palanque da campanha do candidato republicano, Mitt Romney, seis netos do candidato republicano iriam formar a palavra Romney a partir de uma letra estampada em cada camiseta. Houve um problema no arranjo inicial, a neta que portava a letra R acabou se distanciando dos demais, os quais de repente formaram a palavra “money”. Obviamente, o sentido formado não era intencional, mas ele estava lá, era uma das bases da campanha do candidato. Kecskes analisa um outro ato falho nesta campanha, quando Romney falou “*I am not concerned about the very poor*” [Não estou preocupado com os muito pobres]. Segundo Kecskes, esse ato falho tem a ver com saliência, i.e., aquilo que está disponível na mente e que, no caso, é dito não-intencionalmente, mas que está na mente do falante. Considerando que nesses casos o significado emerge como efeito de falhas individuais ou coletivas, como você vê o lugar desses aspectos inconscientes nas trocas linguísticas?

Jacob Mey: Sim, esses foram dois grandes atos falhos. Romney, em vários momentos, disse coisas que ajudaram a detonar sua campanha. Por exemplo, vazou um vídeo sobre um jantar em que ele falava dos 47% dos americanos que não participam da vida política e que não merecem ajuda do governo. Eu não diria que se trata propriamente de fatores inconscientes. Romney é consciente deles, mas os reprime em algumas situações. No entanto, em algumas situações mais livres, esses comentários emergem. Eu diria que quando as pessoas agem ou falam como elas mesmas e não pensam na impressão que querem causar em outras pessoas, então as coisas são ditas de um modo bastante diferente. Esta é também uma pergunta pragmática interessante: que condições estão lá que fazem as pessoas falarem de modo politicamente correto, e quando as condições mudam, elas mudam para um modo de falar oposto, politicamente incorreto? Acho que você está correto sobre o inconsciente que emerge e mostra a pessoa real.

Daniel Silva: Há algum espaço para pensar esses aspectos inconscientes em pragmática?

Jacob Mey: Definitivamente, sim. Por muitos anos, tive interesse pela psicologia da palavra. Li Lacan e outros autores. Tive um grupo de estudantes que eram bastante participativos. Até que chegou um ponto

em que os próprios alunos passaram a ministrar o curso, porque a partir de então eu me achava ignorante quanto ao pensamento de Lacan. Eu disse a eles “agora eu preciso que vocês me ajudem neste curso”. Eles de fato organizaram o curso, selecionaram textos etc. Foi um seminário contínuo, que durou três anos. Escrevi alguns artigos como resultado disso. E ainda acho o tema importante, mas não acho que Lacan seja um caminho fácil para abordar esse problema. Acho que, assim como Hjelmslev, ele se deixou capturar pelo seu próprio simbolismo, por suas próprias regras. Você tem de pensar a toda hora algo do tipo: o que isto significa neste sistema de regras particular? E às vezes você se dá conta de que há muitas regras, o sistema é muito complicado, e acaba fazendo pouco sentido.

Daniel Silva: Se pensarmos por exemplo na *Concise Encyclopedia of Pragmatics*, cujo editor é você (Mey 1998 e 2009), por que alguns verbetes como ‘psicanálise’ e ‘Lacan’ foram suprimidos na segunda edição? Houve alguma razão particular para isso?

Jacob Mey: Não, a razão foi que a editora chegou até mim e falou: “nenhum dos verbetes antigos deve ser republicado”. Eu não tive nenhum controle quanto a isso. O máximo que pude fazer foi brigar pela permanência de alguns artigos que, na minha opinião, não podiam ser suprimidos. Por exemplo, o artigo de Inês Signorini, “*Emancipatory Linguistics*”. Eu tive de lutar para ter aquele artigo republicado (cf. Signorini 1998 e 2009). As outras seções foram todas construídas com base no princípio de que tudo o mais tinha de ser novo. Não tive nenhum controle.

Daniel Silva: Mudando um pouco a direção: agora a IPrA tem muitos antropólogos, sociólogos, psicólogos e outros profissionais interessados na conferência. Como você vê o interesse desses outros profissionais pela pragmática? Por que pessoas de outras áreas se interessam por pragmática?

Jacob Mey: Se você for aos encontros da IPrA, verá lá pessoas que fazem coisas bem diferentes. Há filósofos, mas há também linguistas e outros profissionais. Todos partilham do interesse comum de entender como a língua é usada. Você e eu estivemos em outubro de 2012 no encontro da American Pragmatics Association (AMPRA), em Charlotte, Carolina do Norte, e você deve lembrar que os artigos apresentados lá

são bem diferentes daqueles que são apresentados na IPrA. E o motivo é que na América do Norte a pragmática não é tão desenvolvida quanto na Europa. Nos Estados Unidos tem-se uma extensão da semântica que está recebendo o nome de pragmática. A ideia básica é que, quando a semântica não consegue fazer o trabalho, precisamos invocar a pragmática. Fala-se frequentemente na ‘intrusão’ da pragmática na semântica, algo que não deveria acontecer, não deveria ser necessário. A pragmática seria um intruso, algo de que não precisamos de fato, mas temos de tê-la à mão às vezes, porque não dá para analisar tudo semanticamente. Eu acho que esse é um modo de pensar fora de lugar e ultrapassado.

Daniel Silva: Você é atualmente o editor de um jornal chamado *Pragmatics & Society*. No 3º. Rhetoric in Society Meeting, o palestrante principal foi um pragmaticista, Jef Verschueren. Qual é a ideia de sociedade na pragmática?

Jacob Mey: Penso que a pragmática é interessada pelo modo como as pessoas se comunicam em sociedade e pelo modo como elas, ao fazerem isso, de fato constroem a sociedade. Eu diria que a pragmática é um empreendimento de construtivismo social, em linha com o pensamento de autores como Giddens e Foucault. A pragmática então deveria se preocupar em ver como a comunicação e o uso da língua de um modo geral estão lá para fazer a sociedade melhor, para permitir que mais pessoas possam participar da vida societal. Não se constrói a sociedade com alguma ideia abstrata de democracia, mas fazendo as pessoas se organizarem para explicitar seus problemas, encontrar soluções para eles, se articularem num nível local. Tudo isso é muito pragmático. Tem a ver com o modo as pessoas constroem a língua para se comunicar e, ao se comunicarem, como elas reafirmam a organização social e tudo aquilo que torna a sociedade um conceito viável.

Daniel Silva: Quais as diferenças, se é que há, entre pragmática e análise do discurso?

Jacob Mey: Eu diria que a análise do discurso é parte da pragmática. Não há diferença. Refiro-me à maior parte dos trabalhos em análise do discurso, em sua vertente crítica, os quais são completamente pragmáticos em sua abordagem. Não me refiro ao que Levinson afirmou em 1983 sobre a análise do discurso, que seria análise da conversação

mais gramática (cf. Levinson 1983: 286ss). Ele hoje não diria mais isso. Entendo discurso nos termos de Foucault, isto é, o discurso é o ‘tecido da sociedade’.

Daniel Silva: Como você vê o papel do intelectual, visto como alguém que, em alguma medida, segue uma abordagem pragmática? O trabalho do intelectual tem algo a contribuir para as questões da sociedade?

Jacob Mey: Penso que todos os intelectuais adquirem alguma dose de pragmática em suas reflexões. E isso porque se um intelectual não é crítico, ele não é um intelectual. Um intelectual que apenas se subcreve às teorias correntes e às vertentes hegemônicas é uma pessoa que basicamente abdica de seu direito de ser intelectual. Um intelectual é crítico por definição.

3. Conclusão

Para discutir pragmática com uma pessoa como Jacob Mey, nenhum outro lugar teria sido melhor do que a mesa de um café. Um dos exemplos clássicos de pragmática – *you can pass the salt?* – ocorre, justamente, à mesa de refeição. A expressão metafórica que Jacob Mey utilizou para falar do modo como filósofos pensam intenções (como facas para cortar manteiga, i.e., como objetos com fronteiras delimitadas com que se pode operar objetivamente) foi extraída daquela situação de interação. Havíamos tomado café e comido pão, restando diante de nós facas e manteiga. Empregada numa situação informal, a metáfora da faca cortando a manteiga carrega em si, ao mesmo tempo, toda a concretude e todo o humor típicos do exemplo banal “*you can pass the salt?*”, um ato de fala indireto ao ato de fala de ordem, “*pass the salt*”. Esse jeito brincalhão de lidar com a teoria remete ao jeito faceto com que um dos pioneiros do campo da pragmática, John L. Austin, tratou as questões mais sérias da pragmática, questões que remontam a séculos de indagações sobre a linguagem humana e que certamente têm um futuro longínquo (cf. Rajagopalan 1992). O modo como Jacob Mey enquadrou o problema, criando uma metáfora na ocasião e posicionando a filosofia de um determinado modo, remete ainda a uma metapragmática, ao modo como continuamente regimentamos a pragmática da interação (cf. toda uma literatura antropológica

e aplicada sobre o tema, e.g. Silverstein 1993 e Signorini 2008). Não cheguei a formular nenhuma pergunta sobre metapragmática a Jacob Mey. Talvez esse seja o motivo para mais uma entrevista.

Recebido em janeiro de 2013
Aprovado em dezembro de 2013
E-mail: dnsfortal@gmail.com

Referências

- AUSTIN, John. 1962. *How to do things with words*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press.
- CARNAP, Rudolf. 1967. *The logical structure of the world; and, Pseudoproblems in philosophy*. Trad. Rolf A. George. Berkeley: University of California Press. [1928].
- CHOMSKY, Noam. 1965. *Aspects of the theory of syntax*. Cambridge, Mass.: The MIT Press.
- DERRIDA, Jacques. 1977. Signature event context. Trad. Samuel Weber & Jeffrey Mehlman. *Glyph*, 1:172-197.
- GRICE, Paul. 1975. Logic and conversation. In: Peter Cole & Jerry Morgan. Eds. *Syntax and Semantics, vol. 3: Speech Acts*. New York: Academic Press, p. 41-58.
- HABERLAND, Hartmut & Jacob L. Mey. 1977. Editorial: Linguistics and Pragmatics. *Journal of Pragmatics* 1: 1-12.
- KASHER, Asa. 1991. Pragmatics and Chomsky's Research Programme. In: Asa Kasher. Ed. *The Chomskyan Turn*. Oxford: Blackwell.
- KECSKES, Istvan. 2012. Is there anyone out there who really is interested in the speaker? *Language and Dialogue* 2(2): 283-297.
- LEVINSON, Stephen. 1983. *Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press.
- MEY, Jacob L.. 2001. *Pragmatics: An Introduction*. Oxford: Blackwell. [1993]
- _____. Ed. 1998. *Concise Encyclopedia of Pragmatics*. 1.ed. Oxford: Elsevier.
- _____. Ed. 2009. *Concise Encyclopedia of Pragmatics*. 2.ed. Oxford: Elsevier.
- MEY, Jacob L. & Mary Talbot. 1988. Computation and the soul. *Journal of Pragmatics* 12:743-789

- MOLINA, Luis de. 2007. *Concordia del libre arbitrio con los dones de la gracia y con la presciencia, providencia, predestinación y reprobación divinas*. Trad. Juan Antonio Hevia Echevarría. Oviedo: Pentalfa Editores. [1588]
- MORRIS, Charles. 1955. *Signs, language and behavior*. Nova York: George Braziller.
- PENROSE, Roger. 1989. *The emperor's new mind*. Oxford: Oxford University Press.
- RAJAGOPALAN, Kanavillil. 1992. A insustentável seriedade de leveza: uma análise do humor de J.L. Austin. *DELTA* 8(2): 291-302.
- SAUSSURE, Ferdinand. [1916] 1998. *Curso de Linguística Geral*. Trad. Antonio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix.
- SEARLE, John. 1969. *Speech Acts*. Cambridge: Cambridge University Press.
- SIGNORINI, Inês. 1998. Emancipatory Linguistics In: Jacob L. Mey (Ed.) *Concise Encyclopedia of Pragmatics*. 1.ed. Oxford: Elsevier, p. 281-282.
- _____. 2008. Metapragmáticas da língua em uso: unidades e níveis de análise. In: Inês Signorini. Org. *Situar a lingua[gem]*. São Paulo: Parábola.
- _____. 2009. Emancipatory Linguistics. In: Jacob L. Mey (Ed.) *Concise Encyclopedia of Pragmatics*. 2.ed. Oxford: Elsevier, p.237-238
- _____. 2012. Entre a pragmática e a linguística aplicada a experiência do performativo. *Fala apresentada no evento Meio Século de Teoria dos Atos de Fala: Austin e Seus Leitores*, IEL, Unicamp.
- SILVERSTEIN, Michael. 1979. Language structure and linguistic ideology. In: P. Clyne, W. Hanks & C. Hofbauer. Eds. *The elements: a parasection on linguistic units and levels*. Chicago: Chicago Linguistic Society, 1979, p.193-247.
- _____. 1993. Metapragmatic discourse and metapragmatic function. In: John Lucy. Ed. *Reflexive Language: Reported speech and metapragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 33-58.
- SPERBER, Dan & Deirdre Wilson. 1986. *Relevance: Communication & Cognition*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press.
- VERSCHUEREN, Jef. 1999. *Understanding Pragmatics*. London: Arnold.